

TRANSCRIÇÃO CLARA ESTRELA

CARTELA 01

Todos os textos de narração desse filme foram extraídos sem nenhuma alteração de entrevistas concedidas por Clara Nunes à imprensa escrita.

Agô-iê, Agô-iê, Agô
Mutumbá , Mutumbá
Pai maior, oni-babá!

Trazidos por navios negreiros
Do solo africano para o torrão brasileiro
Os negros escravos
Que entre gemidos e lamentos de dor

Traziam em seus corações sofridos
Seus Orixás de fé
Hoje tão venerados no Brasil
Nos rituais de Umbanda e Candomblé

Neste terreiro em festa
Entre mil adobás
Prestamos nosso tributo
Aos Orixás
Ao rei das matas : Okê bamboclim !
Ao vencedor das demandas : Guarumifá !
À cacarucaia dos Orixás : Saluba !
À grande guerreira da lei : Eparrei !
Nos rios e nas cachoeiras : Yalodê !
Ao dono da pedreira : Kaô,Kaô !
À rainha do mar : Adofiaba mamãe !
E ao curandeiro das pestes : Atotô !

Agô-iê, Agô-iê, Agô
Mutumbá , Mutumbá
Pai maior, oni-babá!

Clara Estrela

Não tenho medo de morrer e muito menos de envelhecer. Não temo pelo futuro. Se amanhã eu perdesse tudo, voltaria com as mesmas forças. Do princípio.

As pessoas gostam de se identificar com o artista e criam mundos de ilusão. Talvez seja porque o artista represente um sonho. Eu não concordo e por isso, procuro sempre mostrar que sou alguém igual a todo do mundo, apenas com uma diferença: Deus me deu uma voz, para que eu pudesse falar mais alto. Para que eu pudesse cantar as alegrias e as tristezas da minha terra e da minha gente.

Minha missão é cantar. Minha mensagem é a liberdade. E quero que essa mensagem seja cada vez mais clara.

A ver, no em-sido
Pelos campos-claros: estórias
Se deu passado esse caso
Vivência é memórias

Nos Gerais
A honra é-que-é-que se apraz
Cada quão
Sabia sua distrição
Vai que foi sobre
Esse era-uma-vez, 'sas passagens
Em beira-riacho
Morava o casal: personagens
Personagens, personagens

A mulher
Tinha a morenês que se quer

Eu vim de uma cidadezinha chamada Paraopeba. Ela fica numa região bonita de minas gerais, porque é aquela terra ali que Guimarães Rosa nasceu também e se inspirou para escrever aquelas coisas tão lindas.

Quem o qual, dono seu
Esse era erroso, no à-ponto-de ser feliz demais.

Clara Nunes está aqui sua cidadezinha pobre, simples mas sempre sua admiradora. Você talvez apesar da sua amizade profunda à sua cidadezinha natal, talvez não possa qualificar a alegria.

Vamos lá no hospital, fazer uma visita para o doutor Guilherme, o pessoal.

Como você vai? O senhor tá bem? Tudo bom?

Tudo bom?

Muito obrigada, tudo bom. Aqui está o médico que fez o parto.

Venho de muita luta, muita batalha. Sou de uma família pobre, meu pai trabalhava numa serraria, numa fábrica de tecidos da minha terra.

Como todo pobre que se preza teve muitos filhos: sete. Das cinco moças, eu era a que mais gostava de cantar, representar... enfim, eu era a mais esperta do grupo.

Eu fui criança mesmo, as crianças do interior tem uma maneira diferente de ser criança. Olha eu tomei banho de rio, eu cacei passarinho, eu joguei bola, carrinho de rolimã, andava com o pé no chão, descalça. Não podia ficar calçando muito, a gente guardava o sapato pra ir a missa.

Oricurí maturou
E é sinal, que Arapuá já fez mel
Catingueira fulorou lá no sertão

Vai cair chuva a granel

Quando era pequena, ia pro fundo do pátio e fincava uns pauzinhos no chão, ao meu redor, como se fossem pessoas numa platéia. E ficava cantando pra essa platéia fantasma. Eu cantava, cantava, cantava...

Catingueira fulorando
Sertanejo esperando chover

Toda a pobreza da nossa família não era muito triste, porque era curtida pela viola do meu pai. Pela maneira boêmia dele encarar a vida.

Catingueira fulora: vai chover
Andorinha voou: vai ter verão
Gavião se cantar: é estiada
Vai haver boa safra no sertão

Se o galo cantar fora de hora:
É mulher dando fora, pode crer
Acauã se cantar perto de casa:
É agouro, é alguém que vai morrer

São segredos
Que o sertanejo sabe
E não teve o prazer
De aprender ler

Oricurí maturou
E é sinal, que Arapuá já fez mel...

E essa força também de trabalhar, de lutar, de não se deixar levar nem se vencer pelos obstáculos, pelas tristezas, por tudo que já aconteceu de ruim na minha vida. Eu empurro pra lá, sabe? Levanto a cabeça e vou em frente. Isso tudo veio da minha terra, veio dele, eu tenho certeza. Essa força toda que eu tenho, isso veio do Mané Serrador.

O início foi muito difícil porque quando o meu pai morreu, a minha mãe começou a morrer também. Então eu digo sempre que eu vi, presenciei um caso de amor. Minha mãe morreu por amor. Ela foi se definhando totalmente, não teve mais interesse pela vida e logo depois morreu. Mas acontece que nós temos dois irmãos muito fortes, o meu irmão mais velho José e a Dindinha, que é minha madrinha. Então eles seguraram aquela barra sabe? Não deixou ninguém, porque naquela época houve todo mundo: “Ah, me dá a Clara!”, “Vamos pegar o Joica!”, “Me dá a Branca”. Porque eu tenho uma irmã chamada Branca, e ela não deixou, disse: “Não. Seja o que for, vamos passar o que tivermos que passar, mas vamos ficar juntos”.

Você trabalhou em Belo Horizonte, você foi uma operaria têxtil, você lembra com uma boa recordação ou não muito?

Boa recordação, muito boa.

Por que?

Porque Marília, eu comecei a trabalhar aos treze anos de idade, então eu acho que é muito importante a mulher trabalhar. Eu acho fundamental na vida da mulher, a mulher ter uma profissão. Então eu aprendi desde cedo a ser independente financeiramente e lutar pra conseguir as coisas. Nada eu consegui fácil, foi tudo difícil.

Não bateram na sua porta e disseram: “toma Clarinha”.

Não, foi tudo muito difícil e eu digo que eu continuo operária, eu sou operária da música popular brasileira.

Aí segui minha vida de pobre. Pouco estudo e muito trabalho. Eu não tive primeira comunhão, baile de debutante. Eu só sabia cantar e tecer.

Eu ouvia o rádio do vizinho pra aprender as músicas e, quando era convidada pra uma festinha, não perdia a oportunidade e mandava a minha brasinha.

Depois que morreram meus pais, ficamos algum tempo em Paraopeba e depois fomos pra Belo Horizonte morar num bairro chamado Renascença.

Tudo mudou. Menos meu emprego. Tecelã.

Nesse bairro de operários, morava ao lado da minha casa um professor de violão e de canto, o Jadir Ambrósio, que era também chefe do coral da igreja do bairro.

Ai ele me convidou pra cantar no coro e eu aceitei mas o Jadir era muito brincalhão. Sempre dizia: “Você não tem que cantar no coro de igreja nada você, tem que cantar na rádio, eu vou te levar na rádio Guarani pra você cantar.”

Tinha na época em Belo Horizonte um concurso “Voz de Ouro ABC”, e a grande finalíssima era em São Paulo.

Eles escolhiam de cada estado um candidato e eu venci a etapa mineira cantando ‘Serenata do Adeus’.

Ai, vontade de ficar mas tendo que ir embora
Ai, que amar é se ir morrendo pela vida afora
É refletir na lágrima um momento breve
De uma estrela pura
Cuja luz morreu
Numa noite escura
Triste como eu

Lá em São Paulo eu ganhei o terceiro lugar – e quase perco o namorado, que exigia ‘ou eu ou a carreira’. Olha, hoje ele tá casado e tem filhos, não fica bem eu dizer o nome. A mulher dele pode ser ciumenta e encrencar se ler uma coisa dessas no jornal.

Eu já começava a tecer um novo destino entre as tramas difíceis que fazem a vida de cantora da noite. *Lady crooner*, lembra? Pois eu era a *lady crooner* e ainda cantava no rádio.

Eu tinha que cantar tudo, né? Eu me lembro que eu cantava aquele bolero que aliás eu acho muito bonito, “besame mucho”. Desculpe aí o castelhano meio fajuto.

Como si fuera esta noche
La última vez
Bésame, básame mucho
Que tengo miedo a tenerte
Perderte después

Quiero tenerte muy cerca
Mirarme en tus ojos
Verte junto a mí
Piensa que talvez mañana
Yo ya estaré lejos
Muy lejos de aquí

Bésame, básame mucho
Como si fuera esta noche
La última vez
Bésame, básame mucho
Que tengo miedo a tenerte
Perderte después

Perante numeroso público, o Rei Momo da capital de Minas e a rainha do carnaval Clara Nunes assistiram um concurso de fantasias infantis.

Aí, eu ganhei um programa de TV só meu.

A Ângela chegou a fazer umas três vezes o meu programa e ela sempre falava em mim aqui no Rio, inclusive na Odeon com o Milton Miranda, que é muito amigo dela. Ela dizia “Olha lá em Minas tem uma menina cantando, canta muito bem vocês deveriam trazer pra gravar”.

E eu acabei entendendo que deveria tentar uma jogada maior. Sem rede. O Rio de Janeiro. Que ano seria, meu Deus? Sessenta e alguns.

Eu fiz um teste na gravadora Odeon. Milton Miranda que já era diretor naquela época, ele disse: “Poxa mas é você a Clara, eu ouço sempre falar. O Altemar Dutra já foi ao seu programa, Ângela Maria, todo mundo daqui da Odeon já fez o seu programa. Você realmente canta muito bem e tudo, mas eu gostaria que você fizesse um teste”. “Não tem problema, vamos fazer o teste”.

Então eu fui pro estúdio e no estúdio eu conheci o violonista na hora e comecei a cantar. Eu como era crooner, tinha a facilidade pra cantar qualquer gênero de música. Ele disse “bom vamos levar pra sessão da diretoria. Qualquer coisa eu telefono”. Eu fui pro hotel, duas horas depois ele me telefonou dizendo: “venha urgente assinar o contrato”. “Duas horas depois?” Duas horas depois, sai pela rua

estava andando. Até o Ok, saí louca.

Vim sem nenhuma garantia. Era um contrato pra gravar. Se desse certo, ótimo. Fiquei somente um mês no hotel por conta deles. Depois fui morar em vagas, e aqui começa uma odisséia.

Rio de janeiro, gosto de você
Gosto de quem gosta
Deste céu, desse mar,
Dessa gente feliz

Vento do mar no meu rosto
E o sol a queimar, queimar

Éramos cinco, num quarto desse tamanhinho. Vagas ocupadas por três mulheres que trabalhavam à noite e duas de dia. Eu era do turno da noite. As outras duas eram prostitutas e uma delas se drogava no nosso quarto. Meu desespero começou a ficar transparente. Eu tava pra deixar tudo e voltar pra Belo Horizonte.

Rio de janeiro, gosto de você
Gosto de quem gosta

Quantas vezes eu e a Denise abrimos as bolsas e vimos que só tinha um cruzeiro, cinquenta centavos, então íamos comprar uma pizza e dividir. Era tudo contadinho. Se tivesse o dinheiro do aluguel eu ficava tranquila, descansava a preocupação. Nunca fiquei pensando em comprar sapato novo, essas coisas. Só pensava no aluguel.

Nós éramos duras completamente, dinheirinho contado e a gente chegava e dividia, vamos dividir uma caipirinha, você paga a metade e eu pago a outra metade.

Deste céu, desse mar,
Dessa gente feliz

De dia, andava pelas rádios, programas de auditório. À noite, cantava em clubes, escolas de samba, casas noturnas de subúrbio. Sonhava com Mané Serrador, todo de branco, lindo, dizendo pra eu não desistir, pra seguir sempre em frente.

Calçada cheia de gente
A passar e a me ver passar

O que eu vivi em três anos morando em vaga valeram esses trinta e poucos anos de vida que eu tenho.

Tinha alguém mais feliz que eu
O meu amor
Que não me quis

Mas eu tive também pessoas maravilhosas que me ajudaram muito, inclusive eu não esqueço o Chacrinha. O Chacrinha foi uma pessoa muito importante na minha vida. Ele sabia dos meus problemas porque eu cheguei pra ele e falei tudo: “Chacrinha,

eu tô assim, não tenho dinheiro pra pagar o quarto”. Eu morava em vaga aqui em Copacabana e ele me colocava no programa dele. Um porque ele realmente acreditou em mim como artista mas eu também sabia que no fundo ele me colocava pra me ajudar no final do mês a pagar o aluguel.

Bom essa primeira fase foi o seguinte, eu quando fui contratada pela Odeon, existia na época no Brasil um grande sucesso. A música que dominava o mercado de vendagem no Brasil era a música romântica.

Amor quando é amor
É todo bem da vida
É sentir prazer
É também sofrer o bem de querer bem

Eu te amo assim querido
E assim és recebido
Em meu pobre coração

Olha amor

Eu não tinha assim como exigir da Odeon, “olha eu quero gravar tal coisa”. Então eu fui quase que obrigada, podemos assim dizer, a gravar esse repertório. Essa idéia de gravar esse gênero romântico partiu da gravadora e eu aceitei.

Fica amor
Escuta o lamento meu
Esse amor ainda é teu e meu

Achavam que eu poderia ser um Altemar Dutra de saias.

Por despreparo e falta de orientação, gravei muita coisa que não queria dizer nada. Fazíamos tudo, eu e o pessoal da gravadora, com a melhor intenção. E foi maravilhoso que *não* tenha dado certo.

Quis você pra meu amor
E você não entendeu
Quis fazer você a flor
De um jardim somente meu

O Ataulfo foi muito importante na minha vida e na minha carreira. Uma pessoa inesquecível. Eu o conheci através de um ex-secretário dele, Jorge Santos. Nós nos tornamos grandes amigos e naquela época eu cantava um outro estilo de música e o Ataulfo sempre me aconselhava. Dizia: “Clarinha canta samba, você tem que cantar musica brasileira. Você tem uma voz tão boa”. Foi também através dele que eu fui então até a Odeon naquela época e falei com o meu diretor Milton Miranda que eu queria gravar samba. O Ataulfo foi comigo inclusive e então me deu uma música pra gravar. E qual não foi a minha alegria. Foi um sucesso “Você passa eu acho graça”. uma parceria dele com o Carlos Imperial.

Ah, e agora, você passa,
eu acho graça
Nessa vida tudo passa

E você também passou
Entre as flores, você era a mais bela
Minha rosa amarela
Que desfolhou, perdeu a cor

E assim eu emplaquei o meu primeiro sucesso. O tempo cobrou de mim três anos e muitas vagas, quartos para senhoritas, até pintar meu primeiro quarto e sala. Alugado, mas só meu. E ainda sobrava algum dinheiro pra mandar pra casa. Mineiro junta, cê sabe, né? Pois foi assim. Fui abrindo meus caminhos. E, sem trocadilho, tudo foi clareando pro meu lado.

Eu quando fui a África em sessenta e nove, voltei muito impressionada. Lá eu tive a oportunidade de conhecer muita coisa, de visitar lugares sagrados, e conhecer os rituais. Da minha volta então eu já voltei totalmente inclinada para o afro, tanto a música e a religião também, lógico.

A verdade é que eu já estava fincada no Continente Negro. Laços mais fundos. Espirituais. A umbanda. Aí rolou tudo junto. Como uma grande benção.

Peraí, mas eu anotei aqui que você é filha de Ogum e Iansã, fala um pouco dos dois.

Bom, são dois santos guerreiros, Iansã é a deusa do trovão, dos raios e Ogum é o deus da guerra, é o deus do aço. Então são dois santos muito fortes, muito guerreiros.

Quer dizer que toda essa doçura de repente é uma parada.

Sou leonina, já imaginou, sou leonina e de repente explode tudo? É uma loucura.

Quando eu voltei de Angola, já tinha um plano, uma linha. Eu queria encontrar um caminho na música popular brasileira que não fosse parecido com o de nenhum artista. Eu comecei a pesquisar e vi que tinha uma brecha.

Ouvindo o Adelzon pelo rádio, acreditei que ele seria sujeito ideal pra missão. “Quem? Eu? Eu nunca produzi um disco.” “Pois então vai começar produzindo o meu. Você tem um conhecimento muito grande de música brasileira. Eu acho que nós dois podemos fazer um bom trabalho juntos. Eu tô afim de gravar outras coisas. Dar um novo andamento pra minha carreira.”

Eu não tinha ninguém que ouvisse os meus planos e aceitasse as minhas pesquisas. Ele ouviu e me deu o apoio necessário. Nosso encontro foi perfeito. Partimos para o primeiro LP.

Canta uma das melhores intérpretes de 1971, Clara Nunes, “Ê baiana”.

“Se não der certo, eu saio da gravadora.” Eu comprei a briga, porque acreditava no trabalho. Foram dois meses de preocupação, de nervoso. Não foi fácil. A partir daí eu comecei a opinar.

Ê baiana
Ê ê baiana, baianinha
Ê baiana

Ê ê ê baiana

Baiana boa
Gosta do samba
Gosta da roda
E diz que é bamba
Baiana boa
Gosta do samba
Gosta da roda
E diz que é bamba

Olha, toca a viola
Que ela quer sambar
Ela gosta de samba
Ela quer rebolar
Toca a viola
Que ela quer sambar
Ela gosta de samba
Ela quer rebolar

Ê baiana
Ê baiana

Comecei a cantar só de roupa branca. Fiz também um curso de expressão corporal. Passei a me apresentar bem mais solta. Cortei o cabelo, mudei de empresário e tô noutra. Todas as mulheres estão querendo me imitar e eu não vou fazer segredo: meu cabelereiro é o Adevanir.

Adelzon foi uma espécie de festa da cumeeira. A gente precisa de um amor na vida, senão, viver como? Amor não se pode mesmo explicar. É muito, é demais. E só mesmo o Vinicius pra contar como se ama.

Vinicius de Moraes foi o primeiro artista do chamado primeiro time da MPB a reconhecer o meu valor. Protegido de Menininha do Gantois e um iluminado filho de Oxalá, Vinicius é uma figura maravilhosa. Ele disse que já me curti pela televisão. Um dia, soube que eu estava de viagem marcada para a Europa. Resolveu, sem me conhecer, me oferecer um jantar de despedida. Acho mesmo que foi uma coisa de santo. Marcamos a data do show. E aconteceu o que ninguém esperava. “Poeta, Moça e Violão” foi um show maravilhoso, que fizemos juntos por muito tempo, lotação esgotada todas as noites.

“E agora eu gostaria que vocês curtissem um bocadinho como eu curto tanto, essa moça maravilhosa aqui a minha direita, Clara Nunes, o timbre a qualidade do tecido da voz dela me encantaram de saída e eu senti que um dia nós deveríamos trabalhar juntos e realmente é a primeira vez que isso acontece pra grande contentamento meu. É com prazer enorme que eu trago pra vocês, acho que uma das maiores cantoras brasileiras, Clara Nunes.”

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela, menina
Que vem e que passa

Num doce balanço
A caminho do mar

Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda que eu já vi passar

Ah, por que estou tão sozinho?
Ah, por que tudo é tão triste?
Ah, a beleza que existe
A beleza que não é só minha
Que também passa sozinha

Ah, se ela soubesse
Que quando ela passa
O mundo inteirinho se enche de graça
E fica mais lindo
Por causa do amor

A única coisa que pode ligar o ser humano a todas as raças eu acho que é a música. A música ela tem um poder muito grande, é sentimento né? Então eu acho que é a coisa mais forte que existe na terra, é a música e o amor.

Na Suécia, eu fui fazer um programa de natal como convidada especial. Mas o pessoal ficou tão empolgado que eu acabei virando a estrela do espetáculo. Cantei acompanhada da Orquestra Filarmônica de Estocolmo, e do maestro Ulf Bioli.

Ilu Ayê, Ilu Ayê, Odara
Negro cantava na nação nagô

Depois chorou lamentos de senzala
Tão longe estava de sua Ilu Ayê
Tempo passou e no terreirão da casa grande
Negro diz tudo que pode dizer

É samba, é batuque, é reza
É dança, é ladainha
Negro joga capoeira
E faz louvação à rainha

Hoje, negro é terra
Negro é vida
Na mutação do tempo
Desfilando na avenida
Negro é sensacional
É toda festa do povo
É dono do carnaval

O que mais me emocionou foi ser reconhecida nas ruas de Estocolmo e ser chamada pelo meu primeiro nome. Fiquei sabendo que, por minha causa, já existem seis meninas suecas chamadas Clara com C – lá é com K.

Em Paris, acertei um compromisso da maior importância. Vou ser a única representante brasileira no Festival do MIDEM desse ano. A revista Vogue fez uma reportagem grande comigo. A editora de moda da revista adorou as minhas roupas brancas rendadas. Aliás, tô sabendo que esse tipo de roupa está começando a virar moda aqui.

Foto de Clara e músicos em Cannes com a legenda “Clara Nunes – Iansã nas praias de Cannes”

Mas o estouro mesmo se deu em ‘Conto de Areia’. A partir daí eu não parei mais. Fixei a minha imagem. A grande vitória foi ter aberto campo pra outras cantoras e pro samba.

Eu quebrei um recorde, de que mulher não vendia disco, né? Marília, no país existia aquele preconceito que quem compra o disco é mulher e a mulher vai comprar disco de outra mulher. Então em setenta e quatro foi o LP Alvorecer que tem o “Conto de Areia”. Na época eu vendi quatrocentos mil daquele LP, então eu ganhei o meu primeiro disco de ouro.

O samba que a vários meses se coloca entre os mais vendidos e executados, “Conto de Areia”, canta Clara Nunes.

É água no mar, é maré cheia ô
Mareia ô, mareia
É água no mar
Contam que toda tristeza
Que tem na Bahia
Nasceu de uns olhos morenos
Molhados de mar
Não sei se é conto de areia
Ou se é fantasia
Que a luz da candeia alumia
Pra gente contar
Um dia morena enfeitada
De rosas e rendas
Abriu seu sorriso moça
E pediu pra dançar
A noite emprestou as estrelas
Bordadas de prata
E as águas de Amaralina
Eram gotas de luar
Era um peito só
Cheio de promessa era só
Era um peito só cheio de promessa
Era um peito só cheio de promessa
Quem foi que mandou
O seu amor
Se fazer de canoeiro
O vento que rola das palmas
Arrasta o veleiro
E leva pro meio das águas de Iemanjá

E o mestre valente vagueia
Olhando pra areia sem poder chegar
Adeus, amor
Adeus, meu amor
Não me espera
Porque eu já vou me embora
Pro reino que esconde os tesouros
De minha senhora
Desfia colares de conchas
Pra vida passar
E deixa de olhar pros veleiros
Adeus meu amor eu não vou mais voltar
Foi beira mar, foi beira mar que chamou
Foi beira mar ê, foi beira
Foi beira mar ê, foi beira

MANCHETES DE JORNAL:

“NASCEU MAIS UMA ESTRELA”

“IANSÃ DAS GERAIS”

“CLARA, A ESTRELA SOBE”

“CLARA NUNES UM SUCESSO MAIOR QUE O SONHO”

“CLARA NUNES, A DEMOLIDORA DE MITOS”

“CLARA PROVOU: MULHER VENDE”

“CLARA NUNES, A CANTORA DE UM MILHÃO DE DISCOS”

Tudo aquilo que se faz com honestidade tem que ser reconhecido algum dia. Não tô nessa carreira de brincadeira. Estudei, pesquisei, e por esse reconhecimento do público eu já ansiava. A minha sorte foi não ter feito sucesso rápido. Então, quando ele chega depois de dez anos de carreira, quando já se foi crooner de orquestra e ganhou muitos sabonetes e latas de talco em concursos, a gente encara a coisa com normalidade. Afinal, o medo já passou e você já aprendeu a conviver com o sucesso.

É água no mar, é maré cheia ô
Mareia ô, mareia

Profissionalmente, foi no “Brasileiro” que eu tive a oportunidade de dizer textos, uma coisa mais próxima ao teatro. Eu me lembro que estava morrendo de medo de contracenar com Paulo Gracindo, aquele monstro de ator, que eu já conhecia desde pequena, quando era sua fã da Radio Nacional. Você pode imaginar o meu nervoso. De repente eu estava lá, contracenando com Paulo Gracindo.

A minha vida é um vendaval que se soltou, é uma onda que se alevantou, é um átomo a mais que se animou, não sei por onde vou, não sei pra onde vou, sei que não vou por aí.

A Bibi pra mim desde o primeiro instante que começamos a bater papo a ensaiar eu me tornei como se fosse uma irmã da Bibi. Eu me preocupo com ela, com a saúde dela, como que ela está, e a Bibi passou pra mim sabe, uma segurança como atriz, como cantora. Como me portar em um palco, como andar, como sentar, como botar a mão pra lá e pra cá, é uma coisa assim, eu considero ela a maior diretora que existe no país.

É de manhã
Vem o sol
Mas os pingos da chuva
Que ontem caíram
Ainda estão a brilhar
Ainda estão a bailar
Ao vento alegre
Que me traz esta canção

Quero que você
Me dê a mão
Que eu vou sair por aí
Sem pensar
No que foi que sonhei
Que chorei, que sofri
Pois a nossa canção
Já me fez esquecer
Me dê a mão
Vamos sair pra ver o sol

Nós trabalhamos dois anos com esse show, e foi um ano, foi o ano que me casei com Paulo César Pinheiro, quer dizer tudo foi extraordinário pra mim, no ano de 1974.

Ele é meu “tinha-de-ser”. Não adiantaram os primeiros desencontros. Porque nos conhecemos na hora plena. Num barzinho da Portela o primeiro clique. Sabe... aquela história de procurar assunto, querer brilhar. E Paulinho, como sempre, na dele. Só tomando meu pulso.

Depois veio aquela feijoada na casa de amigos comuns. Aí a coragem se instala com mais facilidade. O papo morno depois do feijão, e as caipirinhas percorrendo os sentidos da gente, em todas as direções.

Um ano a gente curtiu. Ano seguinte, a gente casou. Muito antes de tudo, eu já transava com ele. Através de suas letras. Só em 1975 as letras foram morar comigo.

Ah, o poeta é maravilhoso. Paulinho foi essa coisa melhor que aconteceu na minha vida, simplesmente extraordinário, um grande amigo, um homem maravilhoso, o grande poeta, o grande compositor, é o meu amor, uma pessoa que eu amo muito, tenho muito respeito por ele.

Bom, claridade foi o seguinte, o Artur da Távola, o grande jornalista Artur da Távola, fez uma crônica em uma revista Amiga falando sobre mim e aí ele começou a crônica dizendo: “Clara, clarão, claridade, luz, manhã, sol”. Aquelas coisas todas e inclusive vem dentro do disco, dentro do LP, esse texto do Artur, dentro do disco. Então eu achei que o claridade, eu gostei imensamente sabe, linda essa palavra claridade, significa tanta coisa, tanta clareza, porque eu sou uma pessoa clara nos meus atos então eu achei que seria um título bonito para o meu disco.

Clara, claridade, manhã, luz, clareza, clara, eu não sei direito a razão pela qual você me emociona, acho que passa um sentimento que eu sei, é o sentimento do nosso povo. Seu canto trouxe também o terreiro o sincretismo religioso, as raízes africanas de nossa cultura as quais tanto marcaram. Nada de entrevistas bombásticas, nada de ondas jogadas, mutretas, capacidade de estar na selva, sem entrar na selva. Clara mineira, sozinha, voz de claridão, olho de ilusão, Clara no samba, Clara no canto, Clara bobinha, Clara ingênua, Clara sucesso, Clara recordista de vendas, Clara modelo, mas clara definida devolvendo ao povo a sua inspiração. Agora é a Clara estrela.

O mar serenou quando ela pisou
Na areia
Quem samba na beira do mar
É sereia

O pescador não tem medo
É segredo se volta ou se fica no fundo do mar
Ao ver a morena bonita
Sambando se explica que não vai pescar
Deixa o mar serenar

O mar serenou quando ela pisou
Na areia
Quem samba na beira do mar
É sereia

A lua brilhava vaidosa
De si orgulhosa e prosa com que Deus lhe deu
Ao ver a morena sambando
Foi se acabrunhando então adormeceu
O sol apareceu

O mar serenou quando ela pisou
Na areia
Quem samba na beira do mar
É sereia

Um frio danado que vinha
Do lado gelado que o povo até se intimidou
Morena aceitou o desafio
Sambou e o frio sentiu seu calor
E o samba se esquentou

O mar serenou quando ela pisou
Na areia
Quem samba na beira do mar
É sereia

A estrela que estava escondida
Sentiu-se atraída, depois então apareceu

Eu canto porque é a minha religião, acredito e respeito. Nunca gravei um ponto verdadeiro.

Se a religião, que eu não exploro, se transformou na minha marca, muito bem. Não me converti pra vender discos, mas por uma necessidade espiritual. Estudo, faço pesquisa. Você acha que eu sou repetitiva? Mas eu não acho, acho apenas que eu criei um estilo e o mantenho.

Quando aparece alguém de branco na TV, com colares e cantando samba, o que é que o espectador vai dizer? Igual à Clara Nunes. Eu não nego que gosto disso. É resultado de muitos anos de luta. Admito que criei um estilo próprio que está influenciando muita gente. Se eu negasse isso estaria mentindo. Mas, honestamente, acho isso muito bom. É melhor imitar Clara Nunes do que uma cantora estrangeira.

Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar

Yansã penteia os seus cabelos macios
Quando a luz da lua cheia clareia as águas do rio
Ogum sonhava com a filha de Nanã
E pensava que as estrelas eram os olhos de Yansã

Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar

Na terra dos orixás, o amor se dividia
Entre um deus que era de paz
E outro deus que combatia
Como a luta só termina quando existe um vencedor
Yansã virou rainha da coroa de Xangô

Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar
mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar

Tudo aconteceu aos poucos, à custa de muito trabalho. Pensava em ser conhecida, mas nunca imaginei que fosse ganhar muito dinheiro cantando.

Eu não podia fazer coisa melhor. Ao invés de comprar um iate ou um carrão, preferi abrir um espaço cultural.

Quando cheguei à porta do Teatro e vi nele escrito o meu nome, meu pensamento voou até Paraopeba. E encontrou o rosto lindo e risonho do Mané Serrador, meu pai. Nem em sonho eu poderia imaginar que isso pudesse acontecer. Um dia a gente melhora, era a frase do Velho.

Ninguém ouviu

Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

E ecoa noite e dia
É ensurdecador
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

Clara, eu estava vendo ainda agora a entrevista da Hildegard falando a respeito da artista que hoje se desnuda em frente à câmera, à imprensa e quanta coisa, expõe os seus problemas. Você acha que isso deve ser assim ou não? Você acha que deve haver uma certa privacidade a guardar?

Eu acho que deve haver uma certa privacidade. Eu acho que tá certo, o artista tem a sua vida pública, as revistas publicam praticamente tudo, mas eu acho que a gente deve reservar alguma coisa.

Por que?

Você não deve se expor, sabe? Eu pelo menos penso assim, principalmente assim minha vida particular, a minha vida com o Paulinho, a minha casa é uma coisa que eu procuro deixar assim muito guardadinha. Eu não gosto que seja muito devassada não.

Eu perguntei isso pra de repente bancar a atrevida. Se você não quiser, você não responde. Queria perguntar a respeito da gravidez. Eu já vi você duas vezes grávida e não deu certo né?

Não.

Você não se incomoda em falar disso?

Não, absolutamente. Eu antes estava um pouco encucada com esse problema, sabe, Marília? Porque eu perdi um com 4 meses e outro com 5 meses.

Já adiantada a gravidez.

Então eu fiquei traumatizada. Eu estava realmente. Engordei muito, não queria saber de mais nada, sabe ficava com aquela preocupação e aquela psicose mesmo pensando em ter um filho. Mas eu agora já sou totalmente tranqüila. E eu consegui através de um grande espírito chamado doutor Leocádio José Correa. Existe um médium em Curitiba, Mauri Rodrigues que recebe o doutor Leocádio. Ele foi um médico de Paranaguá que viveu no ano de mil oitocentos e pouco. Um grande médico, foi médico em vida e continua sendo um médico. E então um dia, eu fui até Curitiba e ele me disse o seguinte: “Clara você não se preocupe, você não deve se sentir diminuída por não ser mãe, porque você apenas não criou. Agora você está a cada dia, você tem uma missão na vida, que é cantar, que é ensinar as pessoas.” Então, a partir desse dia, Marília, eu desencuquei totalmente com pressão de filho.

Das muitas fotos que fiz pra escolha da capa, essa me causou especial emoção e fez brilhar na minha cabeça essa palavra: esperança.

Era uma tarde de terça-feira, três de julho, no morro da Saúde, Rio de Janeiro. Os olhinhos inocentes e as mãos firmes dessas crianças me mostrando a nossa resistência futura. Através deles a esperança renascendo de novo e permanecendo viva diante de nós. Esperança num prosseguimento de luta. Na verdade, que emana do sofrimento, da pobreza, e da arte da gente dessa minha terra.

Talvez um deles seja um líder do povo, um homem da caridade, um libertador, um mártir.

Talvez um músico.

Agora eu quero um aplauso muito especial para um dos meus compositores preferidos. Ele é o presidente do nosso clube do samba, é o nosso querido e o meu compadre, João Nogueira.

Samba que samba no bole que bole,
Oi, morena do balaio mole,
Se embala do som dos tantãs.
Quebra no balacochê do cavaco
E rebola no balacubaco;
Se embola dos balagandãs.
Mexe no meio que eu sambo do lado.
Vem naquele bamboleado
Que eu também sou bam, bam, bam.

Vai, cai no samba cai

E o samba vai até de manhã.
Vai cai no samba cai
E o samba vai até de manhã.
Ô saravá mineira guerreira
Que é filha de Ogum com Iansã.

Sou porta aberta pros amigos em qualquer situação.

Galo cantou!
Galo cantou às quatro
Da manhã
Céu azulou na linha
Do mar
Vou me embora desse
Mundo de ilusão
Quem me vê sorrir,
Não há de me ver

Chorar
Flechas sorradeiras,
Cheias de veneno
Querem atingir o meu
Coração
Mas o meu amor sempre
Tão sereno
Serve de escudo pra
Qualquer ingratidão

Lá laiá laiá laiá laiá laiá
Lá lá lá laiá

Não visto preto, não deixo porta de armário aberta, não coloco sapato em cima de armário, e só canto de branco. Eu sou assim, com as minhas manias e a minha vontade de enfrentar e vencer.

Eu detesto esse negócio de ser taxada de sambista. Sempre briguei, porque sou cantora popular brasileira. Canto tudo o que eu sinto que seja música brasileira.

Fumo de rolo arreio de cangalha
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Bolo de milho broa e cocada
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pé de moleque, alecrim, canela
Moleque sai daqui me deixa trabalhar
E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
E foi passo-voando pra todo lugar

Tinha uma vendinha no canto da rua
Onde o mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambu assado
E olhar pra Maria do Joá

Cabresto de cavalo e rabichola
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Farinha rapadura e graviola
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pavio de cadeeiro panela de barro
Menino vou me embora
Tenho que voltar
Xaxar o meu roçado
Que nem boi de carro
Alpargata de arrasto não quer me levar

Porque tem um Sanfoneiro no canto da rua
Fazendo floreio pra gente dançar
Tem Zefa de purcina fazendo renda
E o ronco do fole sem parar

Eiii forró da mulestia

Fumo de rolo arreio de cangalha
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Bolo de milho broa e cocada
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pé de moleque, alecrim, canela
Moleque sai daqui me deixa trabalhar
E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
E foi passo-voando pra todo lugar

Tinha uma vendinha no canto da rua
Onde o mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambu assado
E olhar pra Maria do Joá

Mas é que tem um Sanfoneiro no canto da rua
Fazendo floreio pra gente dançar
Tem Zefa de purcina fazendo renda
E o ronco do fole sem parar

Eitaa Sanfoneiro da gota serena

O artista principalmente tem muita responsabilidade com o público, ele tem que ter essa consciência, né? E usar isso de uma maneira que vai orientar inclusive mais as pessoas. Eu entendo assim, eu tenho consciência dessa minha posição.

Entrevistador: Clara, três grandes tristezas?

Clara: Esses últimos dezoito anos de ditadura.

Entrevistador: Eu perguntei três tristezas.

Clara: Pois é, os seis primeiros anos, os seis do meio e os seis últimos, uai.

Entrevistador: Estadistas prediletos?

Clara: Juscelino, Fidel Castro e Agostinho Neto, de Angola, a quem ainda não se deu o devido valor.

Eu sempre fui muito ligada a Angola, onde estive antes da Revolução, quando ainda não era um país livre. Essa nova viagem foi emocionante, pois quem conheceu Angola colonizada e agora a vê livre e com a total participação do povo na sua reconstrução não pode deixar de se emocionar. É nesse sentido que a viagem marcou muito a vida de todos que lá estiveram.

A gente tava num ônibus, indo almoçar numa praia muito bonita chamada Caotinha, na província de Benguela. Conversando com o Chico sobre o LP, eu disse: “Dá vontade de colocar uma música sua nesse disco”. Ele me olhou com aquele olho muito verde e disse que faria uma música pra mim, que já tava com a idéia na cabeça.

Essa música tem grande importância a partir do momento que ela nasceu de uma coisa vivida e sentida por todos nós. É quase um grito de guerra, um canto alegre de libertação.

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela
Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela

Será que a morena cochila escutando o cochicho do chocalho
Será que desperta gingando e já sai chocalhando pro trabalho

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela
Será que ela tá na cozinha guisando a galinha à cabidela
Será que esqueceu da galinha e ficou batucando na panela

Será que no meio da mata, na moita, a morena inda chocalha
Será que ela não fica afoita pra dançar na chama da batalha

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
Passando pelo regimento ela faz requebrar a sentinela

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela
Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
Será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela

Será que quando vai pra cama a morena se esquece dos chocalhos
Será que namora fazendo bochincho com seus penduricalhos

A partir do momento em que você vende muito disco, vai para o rádio e a televisão, e tem um número grande de pessoas que vêem e te ouvem, esses espaços devem ser ocupados com muita consciência, sempre em busca de uma situação melhor pra quem vive nesse país.

Essa é a minha cobrança, em cada música que canto, e em cada show que faço.

Será que quando fica choca põe de quarentena o seu chocalho

Será que depois ela bota a canela no nicho do pirralho

Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela
Eu acho que deixei um cacho do meu coração na Catumbela.

Clara Francisca Gonçalves Pinheiro. O Nunes que eu uso é em homenagem à minha mãe. Sou uma pessoa normal, muito simples. Que já sofreu e viveu como todo mundo. A caçula de sete irmãos – filha de Mané Serrador e de D. Amélia. Cantora que ama a sua profissão e vive para a música. Sambista que ama a sua Portela e quer sempre desfilar no Carnaval.

A quadra da Portela é a minha base. Porque é esse pessoal que nunca vai me esquecer, mesmo depois que o sucesso passar.

Portela
eu nunca vi coisa mais bela
quando ela pisa a passarela
e vai entrando na avenida
parece
a maravilha de aquarela que surgiu
o manto azul da padroeira do Brasil
Nossa Senhora Aparecida
que vai se arrastando
e o povo na rua cantando
é feito uma reza, um ritual
é a procissão do samba abençoando
a festa do divino carnaval

Portela
é a deusa do samba, o passado revela
e tem a velha guarda como sentinela
e é por isso que eu ouço essa voz que me chama
Portela
sobre a tua bandeira, esse divino manto
tua águia altaneira é o espírito santo
no templo do samba

as pastoras e os pastores

Eu nunca tinha assistido um desfile de escola de samba. A primeira vez que eu vi uma escola de samba, o primeiro desfile foi no ano de 1966, foi a primeira vez. E quando a Portela entrou na avenida, é isso que o Paulo César Pinheiro diz nesse samba, eu me arrepiei, parecia uma procissão realmente. A Portela aquele ano veio extraordinariamente bem, maravilhosa e eu chorei na avenida, fiquei encantada.

Portela
eu nunca vi coisa mais bela
quando ela pisa a passarela
e vai entrando na avenida
parece
a maravilha de aquarela que surgiu

o manto azul da padroeira do Brasil
Nossa Senhora Aparecida
que vai se arrastando
e o povo na rua cantando
é feito uma reza, um ritual
é a procissão do samba abençoando
a festa do divino carnaval

Portela
é a deusa do samba, o passado revela
e tem a velha guarda como sentinela
e é por isso que eu ouço essa voz que me chama
Portela
sobre a tua bandeira, esse divino manto
tua águia altaneira é o espírito santo
no templo do samba

as pastoras e os pastores
vêm chegando da cidade, da favela
para defender as tuas cores
como fiéis na santa missa da capela

salve o samba, salve a santa, salve ela
salve o manto azul e branco da Portela
desfilando triunfal sobre o altar do carnaval

Se um dia eu tivesse que voltar ao mundo, gostaria de voltar exatamente como agora. Mineira, signo de leão , cantora, sofrendo tudo o que já sofri.

Valeu a pena.

É buriti, buritizais
É o batuque corrido dos gerais
É buriti, buritizais
É o batuque corrido dos gerais

O que aprendi, o que aprenderás
Que nas veredas por em-redor Sagarana
Uma coisa é o alto bom-buriti
Outra coisa é buritirana

Quem quiser que cante outra
Mas à-moda dos Gerais
Buriti: rei das veredas

Guimarães: buritizais!
Guimarães: buritizais!
Guimarães: buritizais!

CARTELA 02

Clara Nunes faleceu em 1983, aos 40 anos, durante um procedimento cirúrgico.

Permanece uma das cantoras mais emblemáticas e de maior vendagem da história da música popular brasileira.

CARTELA 03

Dedicado a

Maria Gonçalves “Dindinha”

Izaura Alzuguir

João Pereira Joannou

Créditos

Se vocês querem saber quem eu sou
Eu sou a tal mineira
Filha de Angola, de Ketu e Nagô
Não sou de brincadeira
Canto pelos sete cantos
Não temo quebrantos
Porque eu sou guerreira
Dentro do samba eu nasci
Me criei, me converti
E ninguém vai tombar a minha bandeira

Bole com samba que eu caio e balanço o balaio no som dos tantãs
Rebolo que deito e que rolo
Me embalo e me embolo nos balangandãs
Bambeia de lá que eu bambeio nesse bamboleio
Que eu sou bam-bam-bam
Que o samba não tem cambalacho
Vai de cima embaixo pra quem é seu fã
Eu sambo pela noite inteira
Até amanhã de manhã
Sou a mineira guerreira
Filha de Ogum com Iansã

Salve o Nosso Senhor Jesus Cristo!
Epa Babá, Oxalá!

Salve São Jorge Guerreiro, Ogum!
Ogunhê, meu Pai!

Salve Santa Bárbara!
Eparrei, minha mãe Iansã!

Salve São Pedro!
Kaô Kabesilê, Xangô!

Salve São Sebastião!
Okê Arô, Oxóssi!

Salve Nossa Senhora da Conceição!
Odofiabá, Iemanjá!

Salve Nossa Senhora da Glória!
Ora yeyê ô, Oxum!

Salve Nossa Senhora de Santana, Nanã Burukê!
Saluba Bobó!

Salve São Lázaro!
Atotô, Obaluaê!

Salve São Bartolomeu!
Arrobobô, Oxumaré!

Salve o povo da rua!
Salve as crianças!
Salve os preto velhos!
Pai Antônio, Pai Joaquim de Angola, Vovó Maria Conga!
Saravá!
E salve o Rei Nagô!

Bole com samba que eu caio e balanço o balaio no som dos tantãs
Rebolo que deito e que rolo
Me embalo e me embolo nos balangandãs
Bambeia de lá que eu bambeio nesse bamboleio
Que eu sou bam-bam-bam
Que o samba não tem cambalacho
Vai de cima embaixo pra quem é seu fã
Eu sambo pela noite inteira
Até amanhã de manhã
Sou a mineira guerreira
Filha de Ogum com Iansã

Eparrei, Oyá!